

RESUMO - LITERATURA E PSICANÁLISE

O RUBOR DE JOCASTA: DESEJO E MORALIDADE EM LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Larissa Karen Gomes Almeida (larissa.karen@academico.ufpb.br)

Hermano De França Rodrigues (hermano.literatura@gmail.com)

No romance *Lucíola*, de José de Alencar (1829 – 1877), a figura feminina alegoriza-se como um labirinto erótico, espelhando as tensões entre os desejos mais profundos e as convenções sociais opressivas do século XIX. A protagonista, uma cortesã, encarna, pois, uma dualidade, escancara uma crise, expõe rachaduras; busca, ao mesmo tempo, um amor transcendente conquanto se encontre prisioneira aos dogmas morais. Essa travessia, de tortuosidades estéticas, alicerça um drama que contesta o aparente, e o resultado é a inscrição de uma heroína romanticamente subversiva. Este trabalho objetiva analisar, à luz dos conceitos psicanalíticos freudianos, os índices do prazer feminino “atuantes” em *Lucíola*, cujos desdobramentos revelam conflitos entre pulsão e recato, pudor e licenciosidade. Como aporte complementar, recorreremos aos postulados de Maria Rita Kehl (1951), referentes ao papel da mulher no cenário oitocentista. Sob a égide da Psicanálise, a sexualidade, conforme postulada pelo mestre vienense (1856 – 1939), emerge como uma força fundamental, e, seguindo esse itinerário, as pretensões da bela rapariga, por um vínculo lídimo e acolhedor, extrapolam a mera manifestação de uma tópica cultural, na medida em que o desejo inconsciente projeta, também, um anseio por emancipação e reconhecimento. Alencar, ao tracejar uma jornada tão movediça e oblíqua, deixa em evidência

as forças avassaladoras de Eros, as quais, sem modéstia e cerimônia, nutrem-se das hipocrisias e cerceamentos, num banquete no qual o tabu dá sabor às iguarias. Eis uma peculiar conjuntura, em que o não dito, o não realizado, o temido predica o adverso, o inquietante, o intratável infamiliar.

Palavras-chave: lúciola; psicanálise; sexualidade feminina; moralidade.